



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

**COMO FAZER SOCIOLOGIA?
UM DIÁLOGO ENTRE ALGUNS CONTEMPORÂNEOS:
BOURDIEU, ALEXANDER, GIDDENS E DOMINGUES**

Levy Castelo Brandão Barbosa⁷

RESUMO

A indagação sobre como fazer sociologia faz-se bastante recorrente a qualquer pesquisador desse campo do conhecimento. Direta ou indiretamente sua resposta se delinea ao longo das pesquisas enquanto artesanato intelectual, que transposto para a prática, realizando-se no ofício de sociólogo, não deixa de enfrentar aquelas que são as mais dilemáticas proposições que se põem diante da sociologia contemporânea, indivíduo x sociedade, sujeito x objeto, estrutura x ação, micro x macro, teoria x prática. Mas aí, justamente, também se encerra o esforço de reconciliá-las. O presente estudo aborda, mesmo que de maneira bastante panorâmica, essas questões a partir de um diálogo provocado entre Bourdieu, Alexander, Giddens e Domingues, buscando oferecer um caminho para o fazer sociológico.

Palavras-Chaves: fazer sociológico; dilemas sociológicos; sociologia contemporânea.

⁷ levy.brandao@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Uma das primeiras questões que povoa minha mente quando me proponho à atividade sociológica é: que referencial teórico-metodológico seguir? E promover essa escolha não é algo tão simples, tendo em vista que cada modelo teórico foi constituído a partir de concepções epistemológicas, maneiras específicas de compreender o humano, como os seres sociais se relacionam entre si, os limites da sua ação; formas de percebê-lo que o toma como sujeito, ou objeto, ou seja, que dá relevo a aspectos mais da objetividade, ou da subjetividade desses seres; e ainda, qual o peso da atividade empírica ou da própria teorização sobre o estudo a ser desenvolvido.

Não é fácil por todos eles serem válidos, considerando-se é claro, os contextos onde foram elaborados, os seus limites ideológicos, históricos, por oferecerem aí plausíveis explicações sobre o complexo que é o ser humano enquanto ser social. Árdua por precisar, da mesma forma, constantemente me posicionar.

Um esforço que é incessante e que mesmo que não perceba com maior racionalidade, essa objetivação⁸ da minha própria prática sociológica não me deixa. Para não contradizer o que coloquei linhas

a cima, ao enunciar essa tal objetivação inevitavelmente me posiciono favorável, nesse sentido, a um modo específico de conceber a pesquisa social, mais próximo do weberiano. Mas mesmo assim, não me limitando a ele, pois há uma infinidade de possíveis caminhos sociológicos a serem seguidos. Como aponta Giddens, a sociologia não se encontra

[...] sob o julgo de um único sistema conceitual. Entretanto, sem dúvida, isso deve ser encarado mais como um ponto forte do que como uma deficiência. Não creio que tal diversidade tenha criado um completo desarranjo; em vez disso, dá voz ao pluralismo que deve necessariamente existir ao se estudar algo tão complexo e controverso como as instituições e o comportamento social humanos. (2001, p. 17)

Falo aqui na primeira pessoa do singular, pois são as minhas angústias e orientações que me direcionam enquanto jovem pensador do social, é o peso da minha curta trajetória que incide mais diretamente sobre o meu fazer, mas inevitavelmente, ao realizar essa ação, de certo modo, novamente já deixo transparecer por que concepção de ciência social balizo minha atividade, mais especificamente a sociologia que pretendo fazer. Nessa caso,

⁸ Ou “racionalização da prática sociológica” (BOURDIEU, 1999, p. 10).

distanciando-me do criticado grupo de correntes teóricas que foi denominado de consenso ortodoxo⁹, por ele ver o comportamento humano como o resultado de forças que lhe são alheias, bem distante do que eu creio ser mais adequado.

Como colocou Anthony Giddens, ainda na introdução de uma das suas mais importantes obras, “*A constituição da sociedade*”, “por sua própria natureza, a sociologia é propensa à polêmica” (1989) e como disse Pierre Bourdieu em “*Contrafogos*” (1998), um “esporte de combate”.

Meu objetivo principal com a escritura deste introdutório artigo é confrontar o problema que escolhi para dar título ao trabalho: Como fazer sociologia? Questão que a todo momento se evidencia para mim, levando-me ao longo do meu cotidiano, não apenas acadêmico, a fazer cortes, escolhas, seleções, delimitar meu pensar e lidar com a polêmica que é inerente a essa, que eu acredito ser, uma ciência bastante bela e fundamental à humanidade, mas como ela que é o seu “objeto de estudo”, de uma atordoante dinâmica, impossível de ser completamente aprisionada.

A resposta se dará a partir de uma tentativa de por em diálogo alguns importantes pensadores da sociologia

contemporânea, quem na maior parte dos meus estudos serve como principal referência, o francês Pierre Bourdieu, com alguns outros, o pensador inglês Anthony Giddens, o brasileiro José Maurício Domingues e o americano Jeffrey Alexander, que com sua instigadora obra “*O novo movimento teórico*”, propõe debater as antagônicas questões “micro” e “macro”, “teoria” e “empíria”, “estrutura” e “ação”, que de forma também panorâmica se pretende abordar ao longo desse texto, apontando e justificando “minhas preferências”.

Apesar de orientar meu “sociologizar” principalmente a partir do referencial de Bourdieu, por ter simpatia por como esse pensador fez muitas das suas colocações, acredito também que enjaular minha “imaginação sociológica”¹⁰ somente ao que é dito em seus termos não é o mais conveniente para enfrentar a complexidade do social humano. Assim, para não cair na armadilha de uma cegueira intelectual, penso ser conveniente seguir o conselho do americano C. Wright Mills sobre o fazer sociológico:

Estimule a reabilitação do artesão intelectual desprezioso, e tente se tornar você mesmo tal artesão. Deixe que cada homem seja seu próprio metodologista; deixe que cada homem seja seu próprio

⁹ Cf. Giddens (1989, p. XIII).

¹⁰ Cf. Mills (1982).

teorizador; deixe que teoria e método se tornem parte da prática de um ofício (2009, p. 56).

Afinal, não pretendo uma sociologia em cima do muro, não pretendo uma sociologia totalmente submissa à unilateralidade ou que completamente me aliene. E sim, uma Sociologia que faça parte da minha vida, ajude-me a melhor compreendê-la, mais ao estilo de um ofício, que libere minha criatividade. Prefiro buscar uma Sociologia que seja capaz de fazer frente à “arte vida e que aí ofereça meios de tentar o impossível”¹¹. Que não me permita a imobilidade perante a perplexidade do contemporâneo, que em processo, valendo-me também dos meus erros, possibilite-me “um conhecer que evolua dinamicamente com o conhecimento”¹².

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como

conteúdo de livros, artigos científicos, sites, dissertação, teses e bibliográficas virtuais.

COMO? DIÁLOGOS PELO FAZER SOCIOLOGICO

Jeffrey Alexander é o primeiro intelectual da sociologia que convido para um breve debate que possa oferecer luz ao problema de pesquisa sob o qual está orientado o fazer deste artigo, pois ainda nos meados dos anos de 1980, motivado por um “novo movimento teórico”¹³ que se fortalecia, corrobora sobre a necessidade de se juntar a teoria sobre a ação à teoria sobre a estrutura, abordar o social a partir de uma lente variante entre o micro e o macrosociológico e assim o busca a partir de uma acurada revisão das correntes teóricas que isoladamente abordaram essas questões, como também a partir das tentativas mais recentes à sua época que as repaginavam.

O que falta a esses argumentos macroteóricos é uma concepção robusta de cultura [...] Contrariamente a essas tentativas, meu próprio trabalho começou por

¹¹ Cf. Bauman (2011, p.24) que coloca: “Nossa vida, quer saibamos disso ou não, quer apreciemos o fato ou o lamentemos, é obra de arte. Para viver nossa vida como exige a arte de viver, temos – assim como os artistas – de nos impor desafios difíceis de confrontar de perto, objetivos bem além de nosso alcance, padrões de excelência que parecem distantes de nossa capacidade para alcançá-los. Precisamos tentar o impossível!”.

¹² Cf. Bourdieu (1999, p. 19), que vale-se de Gaston Bachelard para afirmar que seria inútil procurar uma lógica anterior e exterior à história da ciência em vias de se fazer, desta forma, o conhecer deve evoluir com o conhecido.

¹³ Cf. Alexander (1986), “o novo movimento teórico na sociologia pode ser revelado pelo estudo do revisionismo dentro das tradições micro e macro”.

um compromisso com a instância cultural [...] Esbocei um modelo que concebo a ação como o elemento contingente do comportamento, que pode ser analiticamente diferenciado da mera reprodução. Essa ação pode ser concebida como fluindo em ambientes simbólicos, sociais e psicológicos. Esses ambientes, por sua vez, se interpenetram com o ator empírico concreto, que não é mais identificado com a ação puramente contingente, como acontece tipicamente nas tradições da microteoria. (ALEXANDER, 1986)

Apesar de dar grande privilégio ao debate teórico, epistemológico, por poder levar à crença de que suas colocações estão distantes de uma atividade sociológica mais empírica, algumas das questões enunciadas por Alexander, preparam muito bem o terreno para o debate que se segue. Como ele, sou levado a acreditar que a unilateralidade fragiliza o estudo sociológico e que é fundamental perceber que os que aparentam distintos critérios de verdade (micro x macro; estrutura x ação), são na verdade diferentes ângulos pelos quais se pode observar o social, da tomada como foco, de um lado a interação individual e de outro um sistema social inteiro, mas que é possível acumular conhecimento sobre o mundo a partir de pontos de vistas divergentes (*Idem*).

Concordo que as ciências sociais são diferentes das ciências naturais, mesmo das

interpretativas, por conta da sua múltipla capacidade de problematizar, por seus múltiplos discursos. Um dos mais veementes na atualidade é o da cultura, campo de estudos que muito me interessa e, com algumas ressalvas, sou levado a ratificar com mais este pensamento de Alexander.

Apenas se os teóricos gerais estiverem preparados para entrar no campo dos "estudos culturais" - equipados, é claro, com seu instrumental sociológico - é que a ponte pode ser gradualmente construída sobre o abismo. Desta vez, porém, a teorização sobre a cultura não pode degenerar em camuflagem para o idealismo. Nem deve ser cercada por uma aura de objetividade que esvazia a criatividade e a rebelião contra as normas [...] Se esses erros forem evitados, o novo movimento em sociologia terá uma chance de desenvolver uma teoria verdadeiramente multidimensional. Essa será uma contribuição permanente ao pensamento social, mesmo que não possa impedir a volta do pêndulo. (*Idem*)

De um pêndulo que varia entre os polos micro e macro, ação e estrutura. Que foi idealmente construído por nós. Mas se conseguirmos percebê-la como um ponto de intersecção, uma ponte que ao passar por ela mostre que tal cisão foi muito mais elaborada por nós, no nosso ímpeto de

apreender didaticamente o complexo social, que uma total realidade, aí sim possa integralmente servir como colocou Alexander. Para tal, vale a percepção de Bourdieu (1996), de que ela se constitui como algo que é ao mesmo tempo estruturado e estruturante.

[...] entendo que a “sociologia” não é uma disciplina genérica que se ocupa do estudo das sociedades humanas como um todo, mas aquele ramo da ciência social que concentra seu foco particularmente sobre as sociedades modernas ou “avançadas”. (GIDDENS, 1989, p. XIV)

A partir dessa citação, trago para o diálogo mais um pensador, Anthony Giddens, que como pôde ser visto, aponta que a sociologia tem por missão voltar seu olhar para as sociedades modernas e para interpretá-las deve reafiar seu gume de vanguarda.

Mas do que qualquer outra tarefa intelectual, a reflexão sociológica ocupa papel central para a compreensão das forças sociais que vêm transformando nossa vida nos dias de hoje. A vida social tornou-se episódica, fragmentária e marcada por várias incertezas, para cujo entendimento deve contribuir o pensamento sociológico criativo [...] Algumas perguntas para as quais novas respostas demonstram-se necessárias são perenes, enquanto

outras são surpreendentemente recentes. (*Ibidem*, 2001, p. 19)

Parece estimular os sociólogos que não possuem uma tarefa fácil a realizar, que poderiam se por atônitos perante a complexidade do contemporâneo. Quase que em um brado, dando continuidade a passagem citada, “diz enfaticamente”: “Sociólogos, não se desesperem! Vocês ainda têm um mundo inteiro a conquistar ou, ao menos, a interpretar” (*Ibidem*, p. 20).

Mas como fazer isso? Como interpretar? Para cumprir essa missão, que se deve acreditar não ser impossível, Giddens oferece sua “teoria da estruturação”, na qual “o objetivo é entretecer a contingência, a estrutura material e regras normativas” (ALEXANDER, 1986). Segundo ele as diferenças entre as maneiras de se perceber as ciências sociais também são ontológicas. A questão é como utilizar os conceitos de ação, significado e subjetividade e relacioná-los às noções de estrutura e coerção. Busca por um fim nesse que parece ser um dilema.

Se as sociologias interpretativas se assentam, por assim dizer, num imperialismo do sujeito, o funcionalismo e o estruturalismo, por seu lado, propõe um imperialismo do objeto social. Uma de minhas principais ambições na formulação da teoria da estruturação é por um fim a

cada um desses esforços de estabelecimento de impérios. O domínio básico de estudo das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. (GIDDENS, 1989, p. 02)

Seu foco incide duplamente sobre a compreensão da agência humana e das instituições sociais, do sujeito ou agente humano cognoscitivo e do objeto ou sociedade. “A teoria da estruturação baseia-se na premissa de que esse dualismo tem de ser reconceituado como dualidade – a dualidade da estrutura” (*Ibidem*, p. XVII), e enfrentados através do estudo das relações de tempo e espaço onde as formas de conduta são “cronicamente reproduzidas” (*Idem*) e aí a rotina funciona como elemento básico da atividade social cotidiana.

Porém, apesar de uma rotinização da sua conduta, os atores humanos, não exercem essas práticas de maneira totalmente inconsciente, melhor dizendo, “têm como aspecto inerente do que fazem, a capacidade para entender o que fazem enquanto fazem” (*Ibidem*, p. XVIII), ou seja, são detentores de capacidades reflexivas, mas, mesmo assim, não totalmente competentes para expressar discursivamente tudo o que conhecem, operam através de suas consciências práticas.

A natureza repetitiva de atividades empreendidas de maneira idêntica dia após dia é a base material do que eu chamo de “caráter recursivo” da vida social (nome que, segundo entendo, designa a recriação constante das propriedades estruturadas da atividade social – via dualidade de estrutura – a partir dos próprios recursos que as constituem).

Aqui, gostaria de abrir um pequeno e metafórico parêntese para apresentar brevemente um conceito muito caro na obra de Pierre Bourdieu, desenvolvido para superar as tensões entre as estruturas e os sujeitos agentes, que é o de *habitus*, por sentir que faz certa aproximação ao que foi colocado por Giddens acerca da conduta humana rotinizada.

O *habitus* [...] é essa “disposição cultivada”, que “permite a cada agente criar, a partir de um pequeno número de princípios implícitos, todas as condutas conformes às regras da lógica do desafio e da resposta e apenas elas”. Portanto, o *habitus*, como conjunto de esquemas interiorizados, é esse espaço intermediário – se assim pudermos dizer – que permite passar, nos dois sentidos, das estruturas determinadas ao longo do trabalho organizado do *corpus* às ações de um ator singular e à experiência que ele adquire. (BOLTANSKI, 2005, p. 160)

O *habitus* é resultante do processo de socialização, por qual todos passamos ao integrar determinado grupo social, ou para falar como Bourdieu, “campo de poder” e assim, inculcamos os elementos constitutivos desse *lócus*, sabendo como se deve fazer para coerentemente agir, através de um “sistema de disposições” que em nós se desenvolve a partir das nossas interações sociais, demarcando limites para nossa *hexis* corporal. Por aqui se explica, por exemplo, as capacidades que temos de falar determinada língua sem necessariamente termos total consciência desse processo, ou, ao escolhermos determinada forma de fazer, ou desenvolvermos algum gosto específico, cada um desses comportamentos se desenvolve e pode ser melhor compreendido com referência ao processo do *habitus*. Ou seja, um conceito com inúmeras semelhanças com o que Giddens colocou sobre o comportamento, sem necessariamente ambos os autores terem a preocupação de estarem em locais tão próximos com relação a essas questões durante os seus fazeres sociológicos, esse que inevitavelmente, tem a ver para Bourdieu com os nossos “*habitus* acadêmico”¹⁴.

Aproveitando que abri esse espaço para já apresentar algumas questões sobre Bourdieu, buscando melhor desenvolver a

reflexão sobre o fazer sociológico, insiro no debate o sociólogo brasileiro José Maurício Domingues, com o seu aparentemente controverso, mas também no caminho das sínteses teóricas, conceito de “subjetividade coletiva”. Termo que ele toma emprestado de Simmel, aperfeiçoando-o a partir de uma crítica da polarização entre individualismo e coletivismo.

O pensador também deixa transparecer em suas palavras que apesar de serem dos problemas mais frequentes das ciências sociais, estrutura e ação, não foram adequadamente enfrentados, por isso conjectura através de uma síntese entre algumas ideias de Parsons e Marx, “ator coletivo” e “classe social”, propondo a alternativa da subjetividade coletiva.

Em sua teoria, a ação dos sujeitos se dá na intersecção de causalidades.

Essa capacidade de atuar no mundo e de imprimir sua marca nele, através da qual os indivíduos são concebidos como portadores de poderes que lhes permitem lutar para realizar seus desejos e levar à frente seus projetos, é o que quero chamar de *causalidade ativa*: ela é a faculdade de causar permanência ou mudança na vida social através da ação [...] De qualquer modo, as estruturas sociais e as instituições seriam as portadoras de forças sociais que condicionam o comportamento individual, fossem

¹⁴ Ver o artigo “Campo científico” de Pierre Bourdieu.

essas estruturas e instituições anteriores aos indivíduos ou um mero resultado de sua ação. Esse efeito de influência, mais ou menos determinística, é o que quero chamar de *causalidade condicionante*.¹⁵ (DOMINGUES, 2004, p. 12-13)

Nessa passagem aparentemente em outros termos, mas ao longo da sua obra toma as noções de reflexividade, de rotinização, presentes nas colocações de Giddens, mas de forma diferenciada, pois segundo Domingues nele os “sistemas sociais” aparecem como “totalidades estruturadas” com meros padrões de relação entre os atores individuais (*Ibidem*, p. 21) e completa:

Giddens [...] nega qualquer validade à caracterização das coletividades como atores, embora ele frequentemente deslize na direção da atribuição a elas das características que deveriam ser, em princípio, privilégio de atores individuais [...] Muitas de suas discussões mais empiricamente orientadas fazem menção recorrente a coletividades enquanto atores – o que cria certa disjunção entre seus argumentos teóricos [...] (*Ibidem*, p. 21-22)

A sociologia é uma arena onde ao se realizar quase que inevitavelmente trava batalhas, algumas vezes mais direcionadas e agressivas, outras vezes mais dissimuladas – deixando implícito aquilo que com uma pitada maior de audácia, mas talvez deselegância, poderia ser explícito – mais sutis. Nas teorias contemporâneas, como chegou a deixar claro Alexander (1986), chamando de “novo movimento teórico”, muito se faz através de revisões, algumas com um uso mais criativo, outros menos, das imaginações sociológicas de seus autores. Essa criatividade se desenvolve inserida em um processo maior de relações sociais e que incide sobre a elaboração de disposições, *habitus*, como eu prefiro enunciar apoiado em Bourdieu. Todavia, a depender desse processo, outros pensadores poderiam denominar de maneira diversa, como fizeram Giddens e Domingues, respectivamente às suas distintas maneiras.

Ambos, esses dois últimos pensadores citados, como também Alexander, apesar de conclamarem em suas obras a necessidade de uma atividade sociológica que não se limite puramente às teorizações, ao meu ver, ainda permanecem

¹⁵ Domingues completa que a noção de causalidade ativa, ‘ademais, ligada a esse conceito de subjetividade individual, quase invariavelmente nos deparamos com a noção de *reflexividade* [...] e, frequentemente, também com a noção de “consequências não intencionais da ação”[...]

(2004, p. 12-13). Sobre causalidade condicionante diz que ‘costumava ser associada diretamente ao estado [...] foi amplamente concebida em termos da sociedade civil ou da cultura, ou, mais tarde, como “sistema” ou “estrutura” (*Ibidem*, p. 13).

muito fortemente no campo do que eu irei chamar, mas não de maneira inovadora, do ideológico. Bourdieu é, sem dúvidas, o que melhor balanceia suas reflexões sociológicas a partir da incessante relação entre teoria e prática, por vezes essa última aparenta ter mais voz. Para mim, ele é o quem melhor corrobora com a proposição realizada por Marx em sua XI tese contra Feuerbach, que me é cara, a qual versa: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo” (MARX; ENGELS, 2006).

É necessário compreendê-lo para transformá-lo. Como bem coloca Bourdieu (1998), “quem não tem uma visão mais acabada do presente, não poderia sonhar controlar o futuro”, esse que nos falta em perspectivas, tendo em vista que vivemos um período de instabilidades e repleto de crises humanas, um período complexo de ser compreendido, pois em estado líquido, como esse, muitas vezes escorre dos nossos dedos quando tentamos agarrá-lo (BAUMAN, 2001). Mas devemos permanecer vigilantes, não pela promessa de um bem-estar ao tipo do proposto anteriormente na modernidade, mas de um outro, que deva possuir bases sólidas e que

precisa ainda ser coletivamente cunhado. E nesse caso, não tenho como negar Giddens, quando ele coloca que a sociologia já faz parte de nossas vidas¹⁶ e que pode ainda ser bem melhor aproveitada.

A questão de saber o que é fazer ciência ou, mais precisamente, o esforço dispendido para saber o que faz o cientista, quer ele saiba ou não o que faz, não é somente uma indagação sobre a eficácia e o rigor formal das teorias e métodos disponíveis, mas um questionamento dos métodos e teorias em sua própria utilização para determinar o que fazem aos objetos e os objetos que fazem. A ordem segundo a qual deve ser conduzida essa interrogação é imposta tanto pela análise propriamente epistemológica dos obstáculos do conhecimento, quanto pela análise sociológica das implicações epistemológicas da sociologia atual que definem a hierarquia dos perigos epistemológicos e, por consequência, das urgências. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999, p. 21-22)

Acredito que fazer tal discussão é fundamental para qualquer sociólogo, entendendo que qualquer pesquisa não se faz sem teoria, mas que essa não deve ser

¹⁶ ‘Entre todas as ciências sociais, a sociologia estabelece uma relação mais direta com as questões que dizem respeito à nossa vida cotidiana [...] O fato é que a pesquisa social não está, tampouco pode se permitir estar, dissociada do mundo social que descreve. Na atualidade, a pesquisa social constitui

parte tão integrante de nossa consciência que passamos a considerá-la natural. Todos nós dependemos dessa pesquisa para identificar o que efetivamente *consideramos* senso comum – “o que todo mundo sabe” (GIDDENS, 2001, p. 14-15).

preponderante sobre os fatos da prática, sobre os dados empíricos que muitas vezes nos falam propriamente nas ciências sociais, pois são vivos, humanos como nós. O conhecimento teórico, produzido lado a lado com a prática, mas buscando bases epistemológicas seguras, bem encadeadas, nos previne de argumentações espontâneas.

É, por exemplo, fundamental recorrermos a operações estatísticas se o objeto que construímos assim solicitar, mas é da mesma maneira indispensável submeter essas operações ao rigor epistemológico. Metodologias por elas mesmas não são suficientes para um trabalho fecundo, da mesma forma, teorizar por teorizar não deve ser puramente o ofício do sociólogo, a não ser se seu objeto for em si algo do campo exclusivamente do teórico. Mas não vejo com bons olhos uma sociologia teórica, deslocada absolutamente da *práxis*, penso que mesmo uma sociologia da sociologia¹⁷, sociologia do conhecimento sociológico deve voltar-se para sua atividade mais operacional no cotidiano humano, do contrário seria unicamente filosofia.

[...] os conceitos ou métodos poderão ser tratados como *ferramentas* que, arrancados de seu contexto original, se oferecem

para novas utilizações [...] empenhar-nos-emos em evitar que o saber sociológico possa parecer como uma soma de técnicas ou como um capital de conceitos, separados ou separáveis de sua utilização na pesquisa [...] a questão da filiação de uma pesquisa sociológica a uma teoria particular do social [...] é sempre secundária [...] (*Ibidem*, p. 13)

A crítica, “a razão polêmica”¹⁸ é o mais forte instrumento de combate ao tradicionalismo teórico e o refletir sobre o próprio fazer sociológico, mantendo-se em vigilância sobre a adequação dos pressupostos¹⁹ que devem orientar essa prática, fundamental. É importante um dialética constante e talvez até tensa entre razão e experiência. Ambas, teoria e prática são condições fundamentais, como coloca Bourdieu já “passou o tempo das hipóteses descoidas e móveis, assim como passou o tempo das experiências isoladas e curiosas. Daqui em diante, a hipótese é síntese” (*Ibidem*, p. 80).

Com efeito, ao decidir correr o risco de perder tudo a fim de ganhar tudo, o cientista coloca, a todo o momento, à prova dos fatos que ele interroga, tudo o que está implicado em sua interrogação. Se é verdade que, em sua forma mais acabada, as proposições científicas são conquistadas contra as

¹⁷ Como faz Bourdieu e seus colaboradores em “O ofício de sociólogo”, obra aqui utilizada com a tradução “a profissão de sociólogo”.

¹⁸ *Ibidem*, p. 40.

¹⁹ Cf. Bourdieu (*Ibidem*), “vigilância epistemológica” e “vigilância metodológica”.

aparências fenomenais e pressupõem o ato teórico [...] segue-se que elas só conseguem encontrar sua prova na coerência total do sistema completo dos fatos criados pelas – e não para as – hipóteses teóricas que devem ser validadas. (*Ibidem*, p. 81-82)

O papel da sociologia, conforme Bourdieu (1996, p. 15) é captar a lógica mais profunda do mundo social. Apenas indissociando teoria e prática isso é possível. Esse pensador, ao longo de suas produções intelectuais reitera a importância da pesquisa empírica como mecanismo de prova, fala por vezes com apreço sobre a utilização de perspectivas aparentemente opostas (macro x micro, quali x quanti, estatística x etnografia), acreditando que somente assim, se possibilita através da atividade sociológica o mais abstrato e o mais concreto do universo social. O real e o racional estão em frenética relação. Através da pesquisa busca-se apreender o invariante na variante observada²⁰, e ainda, esclarecê-lo.

O pesquisador, ao mesmo tempo mais modesto e mais ambicioso do que curioso pelos exotismos, objetiva apreender estruturas e mecanismos que, ainda que por razões diferentes, escapam tanto ao olhar nativo quanto ao olhar estrangeiro, tais como os princípios de construção do espaço

social ou mecanismos de reprodução desse espaço e que ele acha que pode representar em um modelo que tem a pretensão da *validade universal*. Ele pode, assim, indicar as diferenças reais que se separam tanto as estruturas quanto as disposições (os *habitus*) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas – ou das “almas” –, mas nas particularidades de *histórias coletivas* diferentes. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999)

Por tais motivos, agrado-me pelas construções sociológicas desse pensador e um ponto chave para caminhar rumo à superação do que já compôs indissociáveis polos em dilemas sociológicos, creio ser sua categoria do *habitus*.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintas [...] mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes [...] Mas o essencial é que, ao serem percebidas por meio dessas categorias de percepção, desses princípios de visão e de divisão, as diferenças nas práticas, nos bens possuídos, nas opiniões expressas tornam-se diferenças simbólicas [...] As diferenças associadas por posições diferentes [...] as práticas e sobretudo as *maneiras* [...] como as diferenças constitutivas de

²⁰ Cf. Bourdieu (1996, p. 15).

sistemas simbólicos [...] como *signos distintivos*. (*Ibidem*)

Distinções produzidas em um espaço social e simbólico, mecanismos distintivos que contribuem para a revelação das propriedades sociais em seus níveis micro e macro, e que apesar de revelarem as estruturas, essas não sufocam totalmente as possibilidades de ação dos seres sociais, sendo assim ao mesmo tempo, sujeitos e objetos, imersos no campo, espaço social das relações humanas.

Desse espaço é que falamos, do social que nos contém como pequeninos pontos, mas que ao mesmo tempo está contido em cada um de nós²¹ e dessa forma foi possível escrever essas introdutórias elucubrações sociológicas, dessa maneira pude como um artesão experimentar novos arranjos, sem jamais esquecer aquela máxima de aprender com os erros, nunca deixando de ser crítico.

CONCLUSÃO

Com a consciência de que não é possível apreender completamente o real, nem produzir generalizações completamente válidas universalmente, mas que mesmo assim é possível compreender aspectos do complexo que é o

humano é que chego a esse momento do trabalho. Sei, com toda a certeza, que inúmeras outras possibilidades de enunciação discursiva são possíveis, mas dentro dos limites que me propus para realização desse artigo, que talvez seja ainda melhor definido se o classificarmos como um ensaio, espero ter cumprido com meus objetivos iniciais.

Essa que, como toda a pesquisa, foi realizada enfrentando-se grandes desafios. Em muitos momentos em tom bastante experimental, mesmo introdutório, e mais, por compor uma fase ainda muito especulativa de um trabalho maior para o qual servirá de suporte e que integrando-o poderá mais diretamente confrontar-se com o empírico, o real e testar sua mais integral validade.

Zygmunt Bauman coloca que

[...] "Escrever significa para o poeta romper com a muralha atrás da qual se esconde alguma coisa que 'sempre esteve lá'" [...] os porta-vozes do óbvio, do auto-evidente e "daquilo em que todos nós acreditamos" são falsos poetas [...] se não quisermos partilhar do destino dos "falsos poetas" e não quisermos ser "falsos sociólogos", devemos nos aproximar tanto quanto os verdadeiros poetas das possibilidades humanas ainda ocultas; e que por essa razão

²¹ Na linha do pensamento de Pascal, Bourdieu (*Ibidem*, p. 27) coloca que o espaço social o engloba como um ponto, mas esse ponto é um ponto de vista,

que está situado em outro ponto nesse espaço social, uma perspectiva definida pela posição objetiva que é assumida.

devemos perfurar as muralhas do óbvio e do evidente, da moda ideológica do dia cuja trivialidade é tomada como prova de seu sentido. Demolir tais muralhas é vocação tanto do sociólogo quanto do poeta, e pela mesma razão: o emparedamento das possibilidades desvirtua o potencial humano ao mesmo tempo em que obstrui a revelação de seu blefe. (2001, p.231-32)

Apesar de não ser tão ortodoxo trazer para as minhas considerações finais uma longa citação de outro pensador, acredito que reiterá-la nesse momento é totalmente conveniente, até porque não pretendo ortodoxias, talvez negá-las por acreditar que muito nos privam da verdadeira criatividade, daquela que não deve permanecer adormecida em cada um de nós.

Portanto, ao longo do trabalho fui retomando algumas pequenas passagens de pensadores de vulto na sociologia contemporânea, alguns mais que outros, é bem verdade, tentando um breve e proposital diálogo entre eles, para indiretamente mostrar o quão complexo é fazer sociologia e diretamente, que mesmo assim, não é impossível realizá-la. Considerando-se o momento humano que vivenciamos contemporaneamente fundamental buscar essa prática.

É claro que fiz recortes e deixei muitos importantes aspectos das suas

teorias de fora desse trabalho. Reconforto-me pelo fato de que o fazer da sociologia não é algo unânime quanto aos seus procedimentos, mas precisamente, é resultado de arbitrárias, mas situadas escolhas. Experiência totalmente válida para mim e que eu espero que possa contribuir para outros, um exercício de imaginação sociológica, nas vias de um aprender a pesquisar, pesquisando.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey. **O novo movimento teórico**. RBCS, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOLTANSKI, Luc. Usos fracos e usos intensos do *habitus*. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie (orgs.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Trad. Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

DOMINGUES, José Maurício. **Ensaaios de sociologia:** teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Em defesa da sociologia:** ensaios, interpretações e tréplicas. Trad. Roneide Majer, Klaus Gerhardt. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Org. Celso Castro. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.